

---

## O ENTÃO E O AGORA — O FOGO E AS CINZAS\*

RITA ESTRADA

### RESUMO

Dotado de memória e imaginação, o ser humano, através da linguagem, pode referir-se quer ao presente em que está inserido quer a um outro tempo. Esta dupla possibilidade que a linguagem nos oferece congrega-se nos conceitos de deixis indicial / deixis fictiva, subsistema temporal actual / subsistema temporal fictivo, discurso / narração. Estas dicotomias são ilustradas na análise do conto "O fogo e as cinzas" de Manuel da Fonseca, texto que se constrói com base naquela dualidade da linguagem.

### ABSTRACT

With memory and imagination, the human being, through language, may refer to the present moment where he / she is and to another time. This double possibility that language offers us is congregated in the concepts of indicial deixis / fictive deixis, actual temporal subsystem / fictive temporal subsystem, discourse / narration. These dichotomies are illustrated in the analysis of the short story "O fogo e as cinzas" de Manuel da Fonseca, text that is built upon that duality of language.

"(...) a linguagem constitui o único «meio» acessível ao homem para se «deslocar» voluntariamente no tempo, apoiando-se na memória e numa função própria da linguagem, a função evocativa (ou narrativa)."

Fernanda Irene Fonseca

"O passado. Do fundo do tempo, aparecem pedaços de recordações. Demoram-se um instante, doem-me suavemente, e somem-se, num tropel, da memória cansada."

Manuel da Fonseca

---

\* Este artigo constitui uma versão reformulada de um trabalho realizado no âmbito do seminário "Tempo e Texto Narrativo", leccionado pela professora Fernanda Irene Fonseca, no ano curricular do mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, variante A, na Faculdade Letras da Universidade do Porto.

## O ENTÃO E O AGORA — O FOGO E AS CINZAS

1. O ser humano vive apenas **no** presente mas não vive somente **com** o presente. Constantemente utilizamos duas capacidades intrinsecamente humanas - a memória e a imaginação - para nos reportarmos a outros tempos e espaços ou para criarmos outros mundos. É essencial à construção da nossa identidade essa possibilidade que se manifesta na e pela linguagem. Os conceitos aqui explicitados bem como o texto analisado dizem respeito a esta dupla faceta da linguagem: dispomos de signos linguísticos quer para nos referirmos ao contexto comunicacional quer para nos referirmos a um mundo alternativo.

**28** Quando nos referimos à situação de enunciação imediata, fazemos uso de um determinado conjunto de deícticos - os indiciais; quando nos reportamos a um contexto evocado pela memória ou criado pela imaginação, utilizamos outros deícticos - os fictivos. Procuraremos aqui diferenciar estes dois tipos de deixis - indicial e fictiva; dois tipos de deixis que se distinguem pelo contexto compartilhado pelos interlocutores: no primeiro tipo, o AGORA da enunciação e, no segundo tipo, o ENTÃO de um espaço e tempo alternativos. Veremos também que estes dois tipos de deixis remetem respectivamente para duas funções que podemos atribuir à linguagem: a discursiva e a evocativa ou narrativa.

Partindo destas oposições, estendêmo-las à caracterização do tempo que tomamos como categoria deíctica. No sistema verbal do português deparamo-nos com tempos verbais que se reportam ao AGORA da enunciação - subsistema temporal actual - e tempos verbais que se referem a um mundo alternativo - subsistema temporal fictivo. A estes dois subsistemas temporais correspondem dois modos de enunciação: o discurso e a narração.

Para exemplificar esta dupla possibilidade que a linguagem nos oferece escolhemos uma narrativa ficcional: "O fogo e as cinzas" de Manuel da Fonseca. Na análise deste texto, procurar-se-á evidenciar que o eixo de sentido básico que o percorre na sua globalidade é exactamente a oposição AGORA / ENTÃO, ou, por outras palavras, a oposição deixis indicial / deixis fictiva, subsistema temporal actual / subsistema temporal fictivo, discurso / narração.

## **2. Deixis indicial e deixis transposta ou fictiva**

O domínio da deixis está intimamente relacionado com o domínio da referência. Na verdade, um dos mecanismos referenciais mais importantes e mais evidentes é precisamente o mecanismo deíctico. Os deícticos identificam e localizam quer espacial quer temporalmente um acto de enunciação e, por isso, estão na origem da própria possibilidade de comunicação. A interacção verbal seria impossível se não existisse um marco de referência compartilhado pelos interlocutores; esse marco de

referência corresponde às coordenadas EU/TU-AQUI-AGORA, instauradas sempre que alguém toma a palavra.

Os deícticos EU/TU-AQUI-AGORA assumem exactamente essa função de referir o contexto comunicacional. Por isso mesmo, Fernanda Irene Fonseca salienta que "(...) a deixis constitui o modo como está **gramaticalizada** a inseparabilidade entre a linguagem e o **contexto**." (1996: 437). De facto, seria impossível caracterizar as categorias deícticas, que fazem parte do sistema formal da língua, sem recorrer à situação de enunciação<sup>1</sup>.

As categorias deícticas são, então, responsáveis pela ancoragem enunciativa. Assim, quando o marco de referência é a situação de enunciação, estamos perante um tipo de deixis designado por **deixis indicial**.

No entanto,

As línguas naturais dispõem também, e complementarmente, de recursos formais para indicar que o marco de referência espaço-temporal não é coincidente com o EU/TU-AQUI-AGORA da enunciação. Em oposições como *aqui/ lá, agora/ então, hoje/ nesse dia, ontem/ na véspera, estive/ estava*, o traço distintivo é o tipo de marco de referência: os primeiros termos pressupõem como marco de referência as coordenadas-zero da enunciação, os segundos um marco de referência alternativo, transposto para uma situação diferente da situação de enunciação. (Fonseca 1996: 440).

Este outro modo de referência deíctica é denominado **deixis transposta ou fictiva**, cujo adjectivo 'fictivo' é utilizado não como significado de 'ficcional' ou 'irreal', mas sim no sentido de 'não ancorado na situação de enunciação'. É partindo desta possibilidade de construção de mundos alternativos através da linguagem, mais precisamente através da criação de um marco de referência alternativo, que encontramos uma nova proposta para definir ficção: "A definição ampla e liminar de ficção que aqui proponho como capacidade que tem o falante de, projectando as coordenadas enunciativas, projectar mundos alternativos ao mundo real (...)." (Fonseca 1994: 102).

Através da memória ou da imaginação, é possível libertarmo-nos da dependência deíctica, da evidência deíctica, e transpormo-nos para outros mundos, alternativos ao mundo real da enunciação. Conseguimos libertarmo-nos fictivamente da inexorabilidade do EU/TU-AQUI-AGORA e escaparmos para um OUTRO-LÁ-ENTÃO.

---

<sup>1</sup> O funcionamento dos deícticos revela, pois, a impossibilidade da Linguística se basear apenas no estudo da *langue*, tal como foi sugerido por F. Saussure. Como refere Fonseca, "(...) a impossibilidade da imanência está inscrita, de forma imanente, no próprio sistema linguístico." (1992: 121).

O marco de referência da deixis fictiva não é, pois, o contexto imediato, mas antes um marco de referência fictivo desancorado da situação de enunciação. Os deícticos permitem a ancoragem enunciativa, necessária à comunicação, e a desancoragem fictiva, necessária ao Homem para recriar o ausente através da memória ou da imaginação.

30 Recriar o ausente é narrar: quando recordamos o que aconteceu num passado factual ou irreal ou quando imaginamos um futuro possível ou impossível, utilizamos uma configuração textual predominantemente narrativa. Logo, a narração implica uma enunciação fictiva, não sujeita às coordenadas EU/TU-AQUI-AGORA. Estabelece-se, assim, uma relação entre deixis fictiva e narração, ou seja, a narração pressupõe um marco de referência fictivo<sup>2</sup>.

A diferenciação dos dois modos de referência deíctica - indicial e fictiva - está correlacionada com a distinção entre duas funções da linguagem: a **função comunicativa ou discursiva** e a **função narrativa ou evocativa**<sup>3</sup>. A primeira tange essencialmente à satisfação das necessidades mais imediatas da comunicação; na segunda exploram-se as dimensões lúdica, afectiva e cognitiva da linguagem.

A função narrativa ou evocativa espelha a possibilidade de criar um contexto não imediato, de projectar fictivamente os marcos de referência enunciativos:

Partir d'une représentation du monde réel pour construire, au moyen du langage, des mondes possibles alternatifs liés à ce monde réel par une relation mimétique c'est utiliser une fonction du langage qu'on peut désigner fonction *narrative* ou *évocative*. Moyennant la mémoire et la imagination, on rend présent - on appelle au présent à travers la voix (VOCARE, EVOCARE) - ce qui n'est pas présent: le passé, le futur, le possible, l'irréel. (Fonseca 1993: 58, 59).

### 3. O Tempo: caracterização deíctica e enunciativa

A abordagem do tempo aqui efectuada basear-se-á num critério deíctico<sup>4</sup>. Cingimo-nos ao tempo linguístico tal como está representado no sistema verbal português e analisamos apenas um grupo restrito de tempos verbais.

Para Émile Benveniste o tempo "(...) a son centre - un centre générateur et axial ensemble - dans le présent de l'instance de la parole." (1974: 73). Desta afirmação, inferimos que o marco de referência temporal básico é o AGORA da enunciação. Assim, o PRESENTE é uma categoria deíctica por excelência porque aponta para a coordenada enunciativa que é instada a

<sup>2</sup> Este assunto é desenvolvido em 3.

<sup>3</sup> A estas duas funções correspondem dois modos de enunciação distintos, ver 3.

<sup>4</sup> Existem, no entanto, linguistas que discordam da classificação deíctica dos tempos verbais (ver G. Kleiber 1993: 117-166).

cada momento que alguém fala. Podemos, então, falar de deixis temporal indicial.

Como já se referiu, é também possível criar um outro marco de referência, um marco de referência transposto ou fictivo, desancorado da situação de enunciação e que aponta para um mundo alternativo ao mundo real. Essa possibilidade de desancoragem enunciativa caracteriza também o sistema verbal (complementando a deixis temporal indicial, responsável pela ancoragem enunciativa). De facto, existe uma:

(...) distinção entre uma série de tempos que têm como ponto de referência directo a situação de enunciação e uma outra série cujo ponto de referência é criado no interior do próprio enunciado, só se referindo indirectamente, portanto, à situação de enunciação. (Fonseca 1994a: 55).

A série de tempos que se reporta ao marco de referência temporal ancorado na própria situação de enunciação tem, como não podia deixar de ser, o PRESENTE no seu centro; a série de tempos que aponta para um marco de referência fictivo, criado no próprio texto, tem no seu centro o IMPERFEITO. Temos assim dois subsistemas que se distinguem por um critério deíctico e cuja oposição se concentra no PRESENTE e no IMPERFEITO.

A estes dois subsistemas, Fonseca (na esteira de E. Coseriu e B. Pottier) chama **subsistema temporal actual** e **subsistema temporal inactual ou fictivo**. O primeiro, como o nome indica, tem como marco de referência o PRESENTE da enunciação; o segundo remete para um marco de referência transposto.

Fonseca sugere o seguinte esquema de representação desses dois subsistemas (adaptado de 1992: 206):



No subsistema actual estão incluídos o PRESENTE, o PRETÉRITO PERFEITO e o FUTURO; representam, respectivamente, o momento coincidente com o AGORA da enunciação, o momento anterior e o posterior. No subsistema inactual ou fictivo, o IMPERFEITO, devido ao seu valor aspectual durativo, funciona como pano de fundo, como enquadramento do PRETÉRITO PERFEITO, que coincide com o ponto de referência criado no texto, representando o MAIS-QUE-PERFEITO a anterioridade e o CONDICIONAL a posterioridade em relação a esse mesmo marco de referência.

Fonseca destaca que aos dois subsistemas correspondem dois modos de enunciação. Na verdade, o subsistema actual caracteriza o **discurso** e o subsistema inactual é próprio da **narração**.

O discurso define-se como um modo de enunciação cujas coordenadas referenciais são o EU/TU-AQUI-AGORA. Tem como marco de referência temporal o PRESENTE. No modo de enunciação narrativo, pelo contrário, estamos desancorados da situação de comunicação imediata e somos conduzidos pela memória ou pela imaginação para um mundo alternativo. É, assim, um critério deíctico que está na base da distinção destes dois modos de enunciação:

(...) dois modos fundamentais que pode revestir o funcionamento da linguagem: / - um [o discurso] em que o enunciado está *directamente ancorado* na situação de enunciação e constitui o *complemento* verbal de uma situação concreta de interacção entre locutor e interlocutor; / - um outro [a narração] em que o enunciado está *indirectamente ancorado* na situação de enunciação e se apresenta, assim, como fictivamente autónomo em relação ao contexto em que é produzido: a rede referencial constitui-se no interior do próprio texto que cria, sem um suporte empírico experiencial, os seus próprios marcos de referência. (Fonseca 1992: 36).

Na narração, ficção e passado interligam-se ou, por outras palavras, IMPERFEITO e PRETÉRITO PERFEITO co-habitam. A utilização destes dois tempos, no modo de enunciação narrativo, provoca efeitos diferentes:

(...) na narração encontramos uma complementaridade e conjugação do «efeito de irreal» ou de ficção inerente à função deíctica dos tempos inactuais e o «efeito de real» inerente à utilização do PRET PF [PRETÉRITO PERFEITO] como convenção narrativa. Parece-me viável encarar nesta perspectiva a correlação entre o PRET PF e o IMP [IMPERFEITO], correlação sobre que assenta, em grande parte, a estrutura temporal da narração. (Fonseca 1992: 222).

Este «efeito de real» que o PRETÉRITO PERFEITO produz está directamente relacionado com o seu estatuto de tempo pretérito em relação ao presente da enunciação. Actualizado no subsistema temporal inactual, o PRETÉRITO PERFEITO transporta consigo esse valor modal factual, real.

#### 4. A dualidade temporal em “O fogo e as cinzas”

O conto de Manuel da Fonseca, intitulado “O fogo e as cinzas”, tem como eixo temático e estruturante a oposição ente o presente enunciativo e outro(s) marco(s) de referência, evocado(s) através da memória. É possível, assim, encontrar aqui os dois modos de enunciação que já foram descritos: o discurso e a narração<sup>5</sup>, ainda que o segundo ocupe um lugar de destaque. A exploração do conto aqui efectuada privilegiará esta oposição temporal que o percorre desde o início.

<sup>5</sup> É claro que estes dois modos de enunciação estão integrado no conto, que podemos considerar uma narrativa ficcional.

O próprio título remete, desde logo, para uma dicotomia temporal: o 'antes' e o 'depois' do fogo. O que existia antes do fogo e o que existe depois - as cinzas - constituem a temática central do texto. É a força destruidora do fogo que anula a possibilidade de um futuro e que deixa um rasto, uma marca indelével: as cinzas. Através da memória do narrador, o fogo renasce constantemente dessas cinzas.

Nas duas primeiras linhas dos dois primeiros parágrafos (47)<sup>6</sup> encontra-se exemplificada a oposição temporal central neste texto: presente / passado. Esse contraste é lexicalizado através dos tempos verbais "formávamos" e "vejo", um IMPERFEITO e um PRESENTE. Ora, o IMPERFEITO é, como já foi observado, o centro do subsistema temporal inactual, próprio da narração, cujo marco de referência está desancorado da situação de enunciação; e o PRESENTE constitui o centro do subsistema temporal actual, caracterizado pela ancoragem enunciativa.

As três personagens principais do conto - o narrador (auto-diegético) e os seus amigos Mestre Poupa e André Juliano - constituíam, no passado, uma "trindade falhada" (47); no presente enunciativo apenas existe o narrador, pois Mestre Poupa tinha morrido e André Juliano estava preso: "Hoje, praticamente, só resto eu." (48). O presente do narrador é preenchido pela evocação constante de acontecimentos passados. É através da memória do narrador que ficamos a conhecer as razões que originaram a frustração das três personagens, que as conduziram a nada mais serem do que uma "trindade falhada".

De facto, ficamos a saber que:

Os factos miúdos que me estragaram a vida pegam de novo em mim e arrastam-me. (...) Ao certo apenas sei que, volta não volta, Antoninha das Dores me vem à memória com uma nitidez atroz. Aparece-me, não recatada e séria como ela sempre foi, mas em fralda de camisa. (...) E deitada nos braços do grandalhão do Chico Biló! / Foi isto que me estragou trinta anos de vida. (47).

Este acontecimento do passado é evocado pela memória e torna-se presente, chegando mesmo ao ponto de se sobrepor ao próprio presente: o que o narrador vê não é o que o rodeia, mas Antoninha das Dores "em fralda de camisa".

Os problemas de Mestre Poupa residem no facto de já não haver fogos destruidores: "Lamentava a toda a hora que tivessem acabado os incêndios grandes e devastadores, como havia antigamente." (48).

---

<sup>6</sup> A partir daqui todas as páginas indicadas entre parêntesis referem-se ao conto "O fogo e as cinzas" (Fonseca, 1993).

Por sua vez, André Juliano penava por o pai não abdicar daquilo que, no futuro, iria pertencer ao filho, por herança. Este passado, que está na origem da desgraça desta personagem, coincide com o passado dos encontros dos três amigos no café. Era aí que o narrador recordava o incidente com Antoninha das Dores, Mestre Poupa recordava os grandes incêndios e André Juliano ansiava pela morte do pai.

Os dramas das três personagens não são relatados de forma cronológica; os factos do passado cruzam-se na memória do narrador. O critério narrativo utilizado não é um critério sequencial, mas um critério que está intimamente ligado à forma como os acontecimentos foram vividos e como, agora, são evocados pela memória. Também aqui: "A «matéria» é o passado (...). Mas é o presente o centro da irradiação narrativa (e emotiva): é a emoção presente que provoca a emergência do passado e que, em última análise, faz existir o passado." (Fonseca 1992: 284)<sup>7</sup>.

Em "O fogo e as cinzas" as coordenadas da enunciação EU/TU-AQUI-AGORA só são relevantes na medida em que criam o espaço e tempo emocionais para se evocar o passado. O narrador deste texto desinsere-se fictivamente do marco de referência enunciativo e transporta-se e transporta-nos para um mundo alternativo. Esse outro mundo é tudo o que o narrador leva da vida ("E é tudo isto o que eu levo da vida!..."(64)).

O mundo do passado desencadeia outras recordações de outros tempos ainda mais recuados. O verdadeiro eixo organizador do texto consiste na oposição **presente da enunciação**, presente simples e linear / **passados**, teia de acontecimentos unidos pela memória subjectiva do narrador. Evocam-se, pois, vários passados - como é o caso das peripécias do bombeiro Mestre Poupa: "- Só queria que vocês assistissem ao incêndio da Rua da Madalena, lá em Lisboa. Isso é que foi um fogo bom!- recordava ele animado e feliz." (56). Nesta passagem, o narrador recria as palavras de Mestre Poupa que pertencem ao passado e que se reportam a um passado ainda mais recuado.

O episódio que marcou a vida do narrador intromete-se a cada passo nas suas recordações. E, ainda que vá "fazer trinta anos que aquilo aconteceu" (59), "ainda hoje, ainda agora, neste momento" (60), o narrador continua a ver a mesma imagem da sua noiva. A presença reiterada dos deícticos indiciais é exemplificativa da emoção contida no presente, ou melhor, no não-tempo que o narrador cria para si próprio, diluindo as fronteiras entre passado e presente.

---

<sup>7</sup> Esta caracterização diz respeito aos romances de Vergílio Ferreira.

Se os tempos se entrelaçam constantemente, o espaço onde a evocação dos acontecimentos tem lugar é quase sempre o mesmo: o café. O café é o lugar de contemplação do passado, quer no presente enunciativo, onde o narrador o evoca, quer na altura em que os três amigos se encontravam. É no café que passados e presente se misturam e confundem, é aí que o narrador evoca as conversas que costumavam ter. Assim, somos elucidados sobre as razões das frustrações das três personagens. Ficamos a saber que o narrador tinha rompido o seu noivado com Antoninha das Dores por não ter conseguido ultrapassar a vergonha de todos terem visto a sua noiva seminua. A imagem da sua figura nos braços de Chico Biló permanece registada na memória do narrador. André Juliano e Mestre Poupa encontram a sua desgraça num outro incêndio: aquele tinha ateado fogo à sua própria casa com o intuito de matar o pai e acaba por ser condenado; este morre no fogo ao tentar salvar o pai de André Juliano.

São cenas que o narrador revive como se estivessem a acontecer naquele momento: "Agora mesmo ia jurar que o estou a ver despegar-se com moleza dos umbrais." (51); "Vejo-o e oiço-o como se realmente estivesse à minha mesa" (54). Da utilização do deíctico 'agora', bem como da frequência de tempos no PRESENTE, obtém-se uma aproximação do passado ao presente da enunciação, que quase deixa de existir para se tornar passado, ou melhor, o passado **quase** deixa de ser passado e torna-se presente: "**como se** realmente estivesse à minha mesa"<sup>8</sup>.

O café, que constituía o local de eleição para o convívio diário, é, agora, um espaço de solidão e nostalgia:

Hoje, praticamente, só resto eu. Mestre Poupa morreu num incêndio (...). E André Juliano jaz, à espera da morte, no fundo de uma cadeia. / No entanto, estão tão presentes na minha memória que a todo o momento me parece natural ir encontrá-los ao voltar de uma esquina. E posso, sem o mínimo esforço, engendrar uma conversa. Sei e oiço as suas respostas às minhas palavras (...). De tal modo ainda fazem parte da minha vida que, todos os dias, mal acabo de almoçar, saio de casa direitinho ao café onde costumávamos encontrar-nos. (48).

Esta passagem espelha a superioridade da memória, a sua capacidade evocativa é tão intensa que acaba por transformar a realidade. Através da memória, o narrador traz os seus amigos de volta, as conversas entre eles e vivencia os acontecimentos de então como se fossem presentes. É com esses momentos que vive o narrador, o passado é muito mais intenso do que o presente e, por isso, o narrador prefere reviver o passado a viver o presente - as cinzas.

---

<sup>8</sup> Negrito nosso.

Enquanto o passado evocado está repleto de acontecimentos marcantes - e todos ligados a um fogo (os fogos do Mestre Poupa, o fogo na casa de Antoninha das Dores, o fogo na casa de André Juliano) - no presente o narrador parece apenas realizar quatro acções: ler o jornal, sair de casa para o café, tomar café e fumar.

Simple actos, como tomar o café e fumar, adquirem uma enorme relevância temporal. Tornam-se processos morosos com várias etapas:

36

Demoro o café, adoçando-o com pitadas colher a colher, bebo-o a pequenos goles. Isto dá-me à volta de quinze minutos. (...) / Segue-se o cigarro (...) / Aí uns dois minutos lucro eu enquanto meto as mãos pelos bolsos à procura das mortalhas, da onça e do isqueiro. / (...) Despego a mortalha (...). Abro a onça com uns vagares ronceiros (...) cato entre os fios as impurezas, e só então o começo a enrolar. Guardo as mortalhas e a onça, pego no isqueiro e raspo lume. Outros quinze minutos! (49, 50).

O narrador classifica estes actos constantes e extremamente demorados de "manigâncias habituais para matar o tempo" (49). Trata-se apenas de uma sequência de acções, enumeradas cronologicamente, que se repetem diariamente; são pequenos gestos do quotidiano que expressam a nostalgia sentida pelo narrador, a vacuidade da sua existência. Os verbos encontram-se todos no PRESENTE, no presente repetitivo, sem sentido, que o narrador suporta utilizando aquelas estratégias para o "matar", estratégias que revelam a sua impotência, o seu desencanto.

Uma vez efectuadas essas tarefas mecânicas, o narrador revive o passado - "Os meus olhos, neventos, voltam-se para o passado." (50) - e surge a explicitação de tudo o que aconteceu às três personagens. O narrador conta-nos a sua história e as histórias dos seus amigos, com o presente a intrometer-se em várias partes da sua narrativa.

O presente factual do discurso surge, por vezes, de forma abrupta: "Olho o relógio. Quatro horas." (54). Parece uma necessidade do narrador se situar no tempo face a um marco de referência concreto - o tempo do relógio. É uma informação precisa sobre o presente da enunciação que contrasta com o carácter divagante das recordações.

As oposições passado / presente e fogo / cinzas percorrem todo o texto. É das cinzas - do momento presente - que renasce o passado. E é o passado que faz viver o narrador. Esse passado, sempre filtrado pela memória, acaba por ser completamente apropriado pelo narrador: "Ultimamente, já não é Chico Biló quem a traz nos braços. É mestre Poupa bombeiro. A seu lado vem André Juliano, meu amigo de infância." (64).

Memória e passado configuram-se temporalmente nesta narração / evocação, que se torna essencial à sobrevivência desta personagem. Por ter esse

poder de narrar, este narrador consegue suportar "(...) a raiva de não poder voltar atrás, mudar o tempo, e recomeçar a vida." (51).

Do passado narrado e renarrado, paira a fixação mais pungente, mais lancinante do narrador - Antoninha das Dores:

Sento-me em qualquer parte - em casa ou aqui, no café - bebo a minha xícara, faço um cigarro. Logo começo a apertar as mãos até os ossos estalarem. E Antoninha das Dores vem. Vem com o corpo moreno e fresco de jovem, mal coberto pela brancura da camisa. E assim fica horas diante dos meus olhos rasos de água. (64).

5. Esperamos que o programa discursivo contido no título deste artigo tenha sido cumprido. Era nossa intenção que o título "O ENTÃO e o AGORA - o FOGO e as CINZAS" remetesse de imediato para a série de oposições que foram aqui exploradas: deixis fictiva / deixis indicial, narração / discurso, IMPERFEITO / PRESENTE, subsistema temporal inactual / subsistema temporal actual. Por outro lado, quisemos também reportarmo-nos ao conto aqui analisado - "O fogo e as cinzas", onde aquelas dicotomias foram examinadas.

Subjacente ao conceito de fictivo, encontra-se uma capacidade essencial do Homem: a memória. Vimos, com o narrador de "O fogo e as cinzas", como a recordação, e correlativamente a função narrativa ou evocativa da linguagem, pode constituir uma forma de vida, pois, narrando podemos reviver o passado e **quase** conseguimos alterar o presente. Talvez esta seja a única forma de enfrentar o Tempo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

##### **BENVENISTE, Émile**

1974, "Le langage et l'expérience humaine", in *Problèmes de Linguistique Générale*, Paris, Gallimard, 68-78.

##### **FONSECA, Fernanda Irene**

1992, *Deixis, Tempo e Narração*, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida.

1993, "Quand dire c'est feindre: théorie linguistique et fiction", *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas*, II Série, vol. X, 55-62.

1994a, "O perfeito e o pretérito e a teoria dos níveis de enunciação", in *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto, Porto Editora.

1994b, "Deixis, dependência contextual e transposição fictiva: contributos para uma teoria enunciativa da ficção" in *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto, Porto Editora.

1996, "Deixis e Pragmática Linguística" in Isabel Hub Faria et al.(orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho.

##### **FONSECA, Manuel da**

1993 (1951), "O Fogo e as Cinzas" in *O Fogo e as Cinzas*, Lisboa, Caminho, 47-64.

**KLEIBER, Georges**

1993, "Lorsque l'anaphore se lie aux temps grammaticaux" in Carl Vetters (org.), *Le Temps, de la phrase au texte*, Lille, Presses Universitaires de Lille, 117-166.